

DA SUSPEITA AO ENCANTO NA PESQUISA EM JORNALISMO

From Suspicion to Wonder in Journalism Research

De la sospecha al encanto en la investigación en periodismo

Tamara Witschge

Professora de Estudos de Jornalismo e Mídia, University of Groningen (Holanda).

E-mail: t.a.c.witschge@rug.nl

Mark Deuze

Professor de Jornalismo e Cultura Midiática, University of Amsterdam (Holanda).

E-mail: m.j.p.deuze@uva.nl

Tradução de Marcos Paulo da Silva

Doutor pela UMESP, Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: marcos.paulo@ufms.br

Resumo

Neste artigo, propomos uma reflexão crítica sobre as lentes que adotamos ao pesquisar o jornalismo e a comunicação. A adoção de uma lente de admiração pode aumentar nossa capacidade de considerar a rica diversidade encontrada no campo. Por meio de uma variedade de projetos de pesquisa, mostramos como, com encantamento, podemos não apenas entender o devir (*becoming*) do jornalismo, mas também abrimos espaço para o seu “devir-se” (*becoming with*): mostramos como somos cúmplices no futuro do jornalismo. Focando a natureza paradoxal das práticas jornalísticas a partir daquilo que aprendemos com nosso trabalho junto aos jornalistas, abrimo-nos para a singularidade da vida jornalística.

Palavras-chave: Encanto; Suspeita; Jornalismo; Pesquisa em comunicação; Métodos criativos; Devir; “Devir-se”.

Abstract

In this article, we call for a critical reflection on the lens that we adopt when researching journalism and communication. Adopting a lens of wonder can enhance our ability to consider the rich diversity that can be found in the field. Through a variety of research projects, we show how through wonder we cannot only understand how journalism is becoming, but also make space for “becoming-with”: we show how we are complicit in journalism’s future. Focusing on the paradoxical nature of journalistic practices as something we learned from our work with journalists, we illuminate and open up the much-at-onceness of journalistic life.

Keywords: Wonder; Suspicion; Journalism; Communication research; Creative methods; Becoming; “Becoming-With”.

Resumen

En este artículo, proponemos una reflexión crítica sobre las lentes que adoptamos al investigar periodismo y comunicación. La adopción de una lente de admiración puede aumentar nuestra capacidad de considerar la rica diversidad que se encuentra en el campo. A través de una variedad de proyectos de investigación, mostramos cómo, con encanto, no solo podemos entender del periodismo como conversión (*becoming*), sino que también damos cabida a su “devenir” (*becoming with*): mostramos cómo somos cómplices en el futuro del periodismo. Centrándonos en la naturaleza paradójica de las prácticas periodísticas basadas en lo que aprendemos de nuestro trabajo con periodistas, nos abrimos a la singularidad de la vida periodística.

Palabras clave: Encanto; Sospecha; Periodismo; Investigación en comunicación; Métodos creativos; Conversión; “Devenir”

Introdução

Em maio de 2018, perguntamos a um grupo de 33 jornalistas como eles se visualizariam se fossem um objeto de domínio público. Suas respostas, na forma de ilustrações, resultaram em uma obra de arte conjunta bastante diversificada e multifacetada, com os jornalistas visualizando seus papéis na paisagem urbana em uma grande variedade de metáforas¹. Os objetos que eles consideraram melhor representar seu trabalho e seu papel na sociedade incluíram desde o lixo que se movimenta pela cidade apanhando histórias pelo caminho até faróis ou sinais direcionais, como os sinais de trânsito. Alguns objetos desenhados podem ser vistos como menos metafóricos e mais como uma representação direta do modo como a profissão tende a ser vista, a exemplo de uma caixa de correio ou de uma loja de aparelhos de celular. Outros se basearam em símbolos que se referem ao trabalho como locais de encontro: uma fonte ou um banco para sentar e se reunir. Também tiveram aqueles que, ao se representarem graficamente, destacaram claramente a função de tornar uma informação pública, mostrando à sociedade o que ela talvez não queira ver: o ato de lavar roupa suja ou um enorme espelho pelo qual os cidadãos podem se observar.

Ficamos impressionados com a diversidade, com a amplitude e com o escopo de maneiras pelas quais os jornalistas vêem a si próprios, como revelado por esse método criativo. O fato de os jornalistas envolvidos mostrarem-se tão dispostos a se envolver dessa maneira também é surpreendente. O exercício – parte de um evento mais amplo e de um programa de pesquisa envolvendo diferentes encontros entre os mundos da arte e do jornalismo – possui um grande valor. Embora não seja representativa de como os jornalistas em geral vêem a si próprios e a seus trabalhos, a paisagem urbana que os profissionais pesquisados desenharam como reflexos

de si parece-nos particularmente complexa e diversificada, o que é significativo considerando as maneiras pelas quais a compreensão comum e as práticas dominantes do jornalismo foram historicamente normalizadas, levando – entre profissionais e estudiosos – a uma ideia bastante homogênea ("altamente modernista") do que é o jornalismo e para que serve a profissão (HALLIN, 1992).

Ademais, as diferentes maneiras pelas quais os jornalistas auto-representam seus papéis estão em desacordo com as críticas que tendem a ser dirigidas ao jornalismo como profissão, seja na academia ou nas perspectivas de especialistas e do próprio público (em especial, aquele público que se mostra desconfiado com a mídia): a profissão tende a ser bastante ambiciosa e justa em sua auto-representação dominante, mas na prática não cumpre (ou não pode cumprir) as correspondências com seus ideais auto-proclamados. O jornalismo falha em representar adequadamente vozes múltiplas e dissonantes (especialmente aquelas minoritárias ou marginalizadas); mostra-se bastante acrítico sobre sua natureza mercadológica dupla (atendendo simultaneamente aos anunciantes e ao público); permanece silencioso sobre o que a noção de "qualidade" significa e tende a omitir do público considerações a esse respeito (COSTERA MEIJER, 2001); regiões, cidades e bairros inteiros não são atendidos de maneira consistente pela cobertura jornalística; as coberturas tentem a se concentrar predominantemente em questões do imediato (não informando as tendências históricas ou o que pode ser feito sobre tais questões no futuro); possui uma perspectiva intrínseca à ordem social existente e às classes dominantes da sociedade; e nos períodos eleitorais tem favorecido coberturas pontuais com base nas pesquisas de opinião (a metáfora da "corrida de cavalos", na tradição norte-americana) ao

¹ Para conferir a obra de arte completa, incluindo uma reflexão adicional, ver: <https://adobe.ly/2IGR0EI>.

tratar de questões políticas relevantes (ver as revisões de MCQUAIL, 2013; PETERS, BROERSMA, 2017).

Esses são apenas alguns dos aspectos pelos quais o jornalismo é geralmente criticado – e que servem de base para que ele receba um “tratamento suspeito”. Todavia, em uma observação inventiva, Rasmus Kleis Nielsen (2017, p.1251) afirma que não devemos olhar para o jornalismo para encontrar ali suas funções normativas; por outro lado, o autor recomenda que devemos minimizar nossas expectativas em relação à prática profissional: “Não extraímos mais do jornalismo simplesmente desejando que ele seja melhor do que é”². Partimos aqui do pressuposto de que os jornalistas realmente querem mais – e de que há, de fato, mais a ser oferecido para além do que o jornalismo atualmente oferece –, mas que, a depender da lente que escolhemos para observar o fenômeno, temos recorrido a um ponto de vista limitado ao decidir como e para o que olhar. Compreendemos que, na posição de estudiosos e de educadores, temos nos voltado ao jornalismo a partir de suas falhas; em contrapartida, fazemos um convite à adoção de uma /visão que destaque o encantamento paralelamente à (ou no lugar da) suspeita.

Com este ensaio, convidamos estudantes e colegas a refletir sobre as narrativas que abordamos em nossa pesquisa, indo além da preocupação sobre se essas narrativas são “corretas” (ou em conformidade, por exemplo, com determinadas convenções acadêmicas); ao invés disso, reconhecemos que “não há ‘narrativas corretas’, apenas diferentes narrativas” (ŠTĚPÁNKOVÁ, 2015, p.313)³. Para inspirar esse tipo de abordagem acadêmica intencionalmente multiperspectiva – e talvez até esperançosa –, primeiro discutimos a lente limitadora que tem sido dominante nos estudos de jornalismo. Em seguida, reunimos algumas das principais conclusões de nossos projetos de pesquisa recentes ou em andamento, que mostram como a opção por um sentimento de encantamento/admiração pode nos permitir a obtenção de novos insights, idéias e maneiras de se efetivar e publicizar nossos

estudos. Por fim, refletimos sobre o que está em jogo com essa abordagem alternativa e suplementar à pesquisa em jornalismo e em comunicação.

1. Por que abordamos o jornalismo a partir de suas falhas?

O argumento que gostaríamos de aqui defender é que a visão bastante sombria do jornalismo que temos advogado como críticos ou como estudantes de jornalismo consiste em um resultado parcial dos limites de nossa própria perspectiva sobre a profissão e sobre o campo do jornalismo. Geralmente, não investimos tempo suficiente ponderando o grande impulso que há na diversidade de práticas jornalísticas, se é que as identificamos. Atualmente, o jornalismo é muito mais do que aquilo que aparece nas páginas do The New York Times, nas reportagens da BBC ou nas páginas do The Guardian na internet ou de qualquer outro veículo que divulga suas breaking news. São muitos e múltiplos os lugares nos quais os jornalistas têm exercido a profissão, onde o trabalho jornalístico tem sido publicado e os redatores tem encontrado sua voz, muitos dos quais nunca aparecem em nossos periódicos acadêmicos ou nos debates em nossas salas de aula.

Ao considerar novas teorias e novos conceitos para pesquisa em jornalismo e em comunicação, sugerimos a adoção de um esforço deliberado para abrimo-nos a um vértice de inclusão ao que compreendemos como jornalismo (e, portanto, ao que é considerado digno de atenção acadêmica e pedagógica). Nesse sentido, propomos aqui uma perspectiva alternativa ou adicional aos estudos acadêmicos, que vai além de uma leitura da profissão baseada em suspeitas, bem como que evita a tendência de realização de nossas pesquisas com um “espírito de questionamento cético ou condenação total, com ênfase em sua posição precária em relação às forças sociais dominantes e opressivas” (FELSKI, 2015, p.2)⁴. Temos observado a teoria e a pesquisa acadêmica como cúmplices da percepção de crise – ou mesmo de “queda” – e de várias outras falhas atribuídas ao jornalismo, ao mesmo passo em que reconhecemos que somos capazes de fazer justiça e de ajudar a aumentar as

² No original, “we do not get more from journalism simply by wishing for more”.

³ No original, “there are no ‘correct’ stories, just multiple stories”.

⁴ No original, “spirit of skeptical questioning or outright condemnation, an emphasis on its precarious position vis-à-vis overbearing and oppressive social forces”.

muitas e diversas maneiras pelas quais o jornalismo constitui-se ou pode vir a constituir-se ao ser praticado. Sugerimos, por fim, como nós, estudiosos da mídia, podemos permitir que o encanto/admiração existam sobre o campo.

Para permitir o encantamento, ao invés da suspeita, bem como para inspirar nossa maneira de encarar o objeto de estudo, adotamos um sentimento de admiração como, por exemplo, encontrado nas obras de Adam Smith e René Descartes – tal como articulado por Jesse Prinz (2013) em sua avaliação sobre o encanto como “a emoção mais importante da humanidade”. Esta leitura do encanto remete a três dimensões complementares: a sensorial (todos os nossos sentidos estão envolvidos e toda percepção sensorial importa), a cognitiva (ao invés de confiarmos nas teorias e nas experiências anteriores para entender algo, devemos nos concentrar em observá-lo novamente) e a espiritual (devemos permitimo-nos a ser genuinamente movidos e inspirados por aquilo que percebemos). A importância do estado emocional contínuo de admiração e de espanto mostra-se central e essencial na filosofia de Heidegger, muito mais do que em Descartes ou Aristóteles que, antes dele, consideravam o encanto útil, mas também alertavam sobre sua natureza potencialmente “excessiva” (HEIDEGGER, 1994, p.148). Para Heidegger (1994), observar e confrontar o mundo coloca a pessoa em um estado de constante reverência e espanto. Tal estado de admiração, maravilhamento e encanto consiste em uma maneira de contenção frente às coisas, ao mesmo passo em que se leva ao arrebatamento por aquilo ao qual se faz conter. Heidegger nos adverte para que “corajosamente corramos o risco de nos manter abertos ao aberto” (apud CAPOBIANCO, 2010, p. 85)⁵. Nos estudos de mídia, tal perspectiva de abertura e de encanto pode ser encontrada, por exemplo, nos trabalhos de Paddy Scannell (2014) e John Durham Peters (2015).

Tal abordagem não significa a defesa de uma postura acrítica ou não-reflexiva por parte dos pesquisadores em jornalismo. Entretanto, pretendemos explorar as narrativas dos jornalistas à medida em que eles as experimentam e as sentem, incluindo suas contradições, necessidades não

atendidas e interesses conflitantes que são intrínsecos a tais experiências. Os leitores podem se preocupar com aquilo que Mayer (2008, p. 145) denomina de “formas bizarras de cumplicidade”⁶ que eventualmente podem ser resultantes de uma interação realmente aberta e direta com os sujeitos pesquisados – no nosso caso, os jornalistas. Todavia, gostaríamos de desafiar “a suposição de que tudo o que não é crítico deve, portanto, ser acrítico” (FELSKI, 2015 p.2)⁷. Para nós, adotar um vértice de admiração cobra ao mesmo passo ser autocríticos e críticos em relação ao que pesquisamos: qual é o nosso papel e quão abertos estamos em relação ao que está acontecendo em nosso domínio de estudo?

Para se trabalhar em direção à pesquisa em jornalismo e em comunicação num vínculo com o encantamento e para além das suspeitas, focamos neste ensaio naquilo que podemos aprender com a criatividade e a diversidade entre jornalistas que, por uma variedade de razões (algumas das quais não são necessariamente voluntárias), optaram por praticar jornalismo fora dos veículos noticiosos tradicionais – algo que geralmente é rotulado como “jornalismo empreendedor” ou como “jornalismo de startups”. Desde 2013, junto a nossos alunos de pós-graduação, temos estudado de perto uma variedade de novos empreendimentos jornalísticos em todo o mundo. Temos sido tomados pela inspiração do questionamento sobre com o que o “jornalismo” passa a se parecer quando mostra-se em processo de reinvenção, construído a partir do zero. Assistimos a tendência global de uma “cultura de startups”, empreendedora – ou melhor, “pioneira” (HEPP, LOOSEN, 2018) – como exemplo da riqueza do campo, mas reconhecemos que tratam-se de experiências de criatividade e de diversidade que podem ser encontradas em qualquer outro lugar no vasto universo da produção midiática profissional. Uma releitura, após os primeiros cinco anos de nosso projeto “Beyond Journalism”, foi publicada no início de 2020, à qual revistamos aqui (DEUZE, WITSCHGE, 2020).

Neste artigo, pretendemos não necessariamente “entender” o que é o jornalismo, mas conduzir o leitor a uma jornada pelas múltiplas narrativas do

⁵ No original, “courageously take up the risk of holding ourselves open unto the open”.

⁶ No original, “bizarre forms of complicity”.

⁷ No original, “the assumption that whatever is not critical must therefore be uncritical”.

jornalismo que nós (e nossos alunos) temos encontrado ao visitar, observar, entrevistar e trabalhar com jornalistas que fundaram suas próprias empresas ou coletivos de mídia em doze países de seis continentes. Ao reconhecer que os jornalistas não agem apenas para que os acadêmicos categorizem seus trabalhos, recomendamos a prática que o antropólogo Tim Ingold denomina de “a arte da investigação”, por meio da qual aqueles que fazem as perguntas também se juntam aos pesquisados “em suas esperanças e sonhos” (INGOLD, 2018, p. 218)⁸. Isso é um tanto distinto de muitas das maneiras tradicionais pelas quais realizamos pesquisas nos campos do jornalismo e da comunicação. Todavia, simplesmente descrever e dar conta do que está acontecendo no jornalismo é uma maneira certa de fazer com que o mesmo deixe de agir neste mundo: justificar as coisas “é também colocá-las para descansar, silenciá-las ou neutralizar seu poder, para que, em si, deixem de atrair nossa atenção como forças ativas e contínuas no mundo. Elas são, por assim dizer, contabilizadas, marcadas, colocadas em seu lugar” (INGOLD, 2018 p.218)⁹. A descrição sem compromisso, a gravação sem encanto: são práticas que adotamos como pesquisadores que “congelam” nossos objetos de estudo ao invés de libertá-los. A questão não é tanto como podemos explicar melhor o que acontece no jornalismo – em detalhes aprofundados, com métodos mais sofisticados (quantitativos e qualitativos) –, porém como podemos reconsiderar nosso papel nisso e melhor “corresponder” a ele (INGOLD, 2018). Talvez devêssemos começar pelo entendimento de que os jornalistas “agem e trabalham para fazer a diferença no mundo” (INGOLD, 2018 p.218)¹⁰ para, assim, avançarmos com a pergunta sobre qual é nossa responsabilidade em responder a tudo isso.

Ao assumir essa responsabilidade, não sugerimos que exista uma maneira “correta” e específica de se desenvolver estudos em jornalismo. Como afirmado desde o início, não há uma maneira irretocável de se conduzir pesquisas ou de se contar histórias. Há várias maneiras e múltiplas histórias. Pode-se argumentar que o tipo de cumplicidade que defendemos nos coloca

ao lado dos entrevistados e dos sujeitos pesquisados em reconhecimento de suas experiências vividas, bem como de nossos papéis nelas. Ao mesmo tempo, gostaríamos de reconhecer que “existem diferenças entre as formas de se falar sobre a sociedade” e que “a ciência social contemporânea se aleijou ao impor limitações estritas às maneiras permitidas de dizer o que os pesquisadores descobrem sobre as coisas que estudam” (BECKER, 2007, p.285- 286)¹¹. Tudo isso – que constitui o ponto principal daquilo que pretendemos destacar aqui – tem a ver com nossa compreensão sobre o que é o conhecimento e sobre como chegamos a ele. Perguntamos: pode nossa postura crítica e auto-reflexiva (ao invés de “suspeita”) permitir que avancemos junto a nossos sujeitos de pesquisa com encanto, maravilhamento, admiração, espanto e reverência?

2. Onde estamos presos?

Em 2013, Beate Josephi observou como novas compreensões tardam a se desenvolver nos estudos de jornalismo. Atualmente, podemos perceber que o campo está em mutação e que o interesse em novas abordagens tem aumentado, mas novos e verdadeiros insights e abordagens inovadoras têm demorado a se desenvolver e precisam lutar para ganhar terreno. Embora inúmeros colegas venham se envolvendo em trabalhos criativos e de ponta, bem como novos flancos de pesquisa venham sendo abertos e um importante esforço global tem caminhado para 'desocidentalizar' completamente e diversificar o campo, por outro lado os principais periódicos, guias práticos e editores devotados aos estudos de jornalismo ainda tendem a privilegiar trabalhos que se encaixam de alguma forma nos limites estabelecidos e nas estruturas teóricas já estabilizadas na academia. Qualquer material divergente tende a ser comparado e colocado em relação com aquele escopo já

⁸ No original, “the art of inquiry”; “in their hopes and dreams”.

⁹ No original, “is also to lay them to rest, to silence them or neutralise their power, so that the things themselves cease to engage our attention as active and ongoing forces in the world. They are, so to speak, accounted for, ticked off, put in their place”.

¹⁰ No original, “act and work in order to make a difference in the world”.

¹¹ No original, “differences exist between ways of telling about society”; “contemporary social science has crippled itself by imposing strict limitations on the permissible ways of telling what researchers find out about the things they study.”

considerado legítimo pelo status quo acadêmico. Não sugerimos que essa seja uma política deliberada dos gatekeepers da indústria — nós a vemos simplesmente como uma maneira pela qual o sistema social que permeia o trabalho acadêmico em nosso campo se auto-organiza e se reproduz de modo a fazer sentido para a maioria.

Os benefícios desta autopoiesis (GÖRKE, SCHOLL, 2006) dizem respeito à possibilidade de replicabilidade dos estudos (muito embora esse aspecto desejável ainda esteja sobremaneira ausente da maioria dos trabalhos publicados), à calibração de parâmetros para a mensuração da produção acadêmica e à padronização de elementos-chave (como a formulação de questões de pesquisa, a operacionalização de conceitos, o avanço do estado da arte nas revisões de literatura e as próprias estruturas metodológicas) — cujos efeitos colaterais recaem no fortalecimento da posição institucional de certos pesquisadores, laboratórios, escolas, instituições e editores, que passam a ser considerados — nacional ou internacionalmente — “especialistas renomados no campo”. A desvantagem, por outro lado, remete à relutância crescente e, muitas vezes, na própria resistência (mais ou menos radical) a maneiras diferentes de se fazer as coisas. Nessa dinâmica, muitas vozes, observações e perspectivas importantes (potencialmente) se perdem — ao menos, este tem sido o cerne de nossa preocupação. Questionamos: o que podemos observar se, na medida do possível, olharmos para as coisas de maneira diferente, com encantamento e surpresa, livres das convenções e da rotina?

De fato, se levarmos essa chamada a sério, precisaremos considerar as formas de desafiar tais convenções (pois, isso possivelmente afetará também nosso “sucesso acadêmico”, medido pela produção em determinados periódicos dominantes, por políticas de financiamento e de fomento ou por indicadores menos tangíveis, incluindo o senso de valor e de pertencimento ao campo). Isso mostra-se particularmente difícil devido ao longo e estável

desenvolvimento que o jornalismo, como profissão, passou a “desfrutar” historicamente na maioria dos países do mundo. Ainda que muitas vezes trabalhando sob condições de censura, sob pressão de projetos nacionais ou sob expectativas de proporcionar à sociedade uma espécie de cimento social, o jornalismo em todo o mundo tem sido amplamente reconhecido e visto como um conjunto de valores, de princípios e de práticas amalgamados — de diferentes maneiras e contextos — em um “senso de inteireza e uniformidade” (HALLIN, 1992, p. 14). Da mesma forma, o campo dos estudos em jornalismo — isto é, a busca acadêmica por conhecimento sobre o jornalismo — tem se desenvolvido ao lado de seu objeto, tornando-se cada vez mais sofisticados e consensuais seu conjunto de conhecimentos, sua variedade de metodologias e seus aprimoramentos teóricos.

Tal foco na coerência e no consenso não faz justiça à compreensão de que o jornalismo representa muito mais do que uma soma pura de suas partes, tampouco à necessidade de se considerar uma percepção da profissão que seja mais dinâmica, menos disciplinada ou, no mínimo, radicalmente pluralista. De fato, como Zelizer (2013, p. 469-470) observa, “muitas discussões existentes sobre jornalismo tornaram-se insulares, estáticas, excludentes, marginalizadoras, desconectadas, elitistas, não representativas e histórico e geograficamente míopes”¹². Críticas similares ao escopo bastante restrito, à abordagem etnocêntrica e à orientação dominante da pesquisa em comunicação em geral e dos estudos de jornalismo em particular já foram expressas no passado — especialmente no trabalho de acadêmicos oriundos de partes não ocidentais do mundo¹³. Todavia, independentemente da multiplicidade de formas e de funções jornalísticas existentes e emergentes no mundo, grande parte da pesquisa acadêmica sobre jornalismo adotou a tendência de proteger seus olhos da luz ofuscante da diversidade — ao invés disso, tem-se argumentado pela unificação. A consolidação dos estudos em jornalismo na literatura acadêmica serve principalmente ao projeto moderno

¹² No original, “many existing discussions of journalism have become insular, static, exclusionary, marginalizing, disconnected, elitist, unrepresentative and historically and geographically myopic”.

¹³ Nota dos autores: no que concerne o Sul Global, por exemplo, ver GUNARATNE, 2010; WAISBORD, MELLADO, 2014.

de se colocar um objeto inerentemente indisciplinado sob controle (STEENSEN, AHVA, 2015, p. 3). Mostra-se crucial reconhecer que o suposto núcleo duro do jornalismo e a consistência supostamente assumida de um eventual funcionamento interno das organizações noticiosas podem ser qualquer coisa, menos um consenso, tampouco uma norma necessariamente estável. Ao mesmo tempo, seria um erro supor que as novas modalidades de jornalismo que emergem no interior e às margens das organizações noticiosas tradicionais são necessariamente diferentes ou opostas aos valores, aos ideais e às práticas centrais da profissão.

Portanto, o que queremos aqui enfatizar, como já destacamos em nosso livro, não é a tentativa de encontrar uma melhor definição para o jornalismo, por mais inclusiva que ela possa ser. Ao invés disso, sugerimos que dediquemos nossa “encantadora” atenção à maneira pela qual teorizamos – e, conseqüentemente, pela qual pesquisamos, redigimos e ensinamos – o jornalismo. Indiscutivelmente, poderíamos fornecer uma definição de jornalismo que dialogasse com noções mais ou menos tradicionais da profissão, imergidas do contexto de instituições noticiosas veneráveis, como The New York Times, BBC, O Globo, Asahi Shimbun ou El Pais, incluindo, ao mesmo tempo, os trabalhos de jornalistas nas entidades documentadas no banco de dados Multiple Journalism (multiplejournalism.org) ou nas iniciativas que documentamos no projeto “Beyond Journalism”. Poderíamos construir, coletivamente, uma definição que remeta a uma maneira alternativa de se visualizar o campo, focando-se tanto na intenção por trás do trabalho quanto nos resultados e nas funções da atividade jornalística, o que envolveria diversos marcadores importantes. Entretanto, não é isso que buscamos aqui.

O que queremos é oferecer uma alternativa mais radical: em vez de definir o jornalismo, sugerimos que nos concentremos em contar as histórias

e mostrar a maior variedade possível de experiências que têm sido vivenciadas sob sua bandeira por aqueles que de alguma forma se consideram jornalistas. Queremos focar no que suas histórias nos dizem sobre todas as coisas diferentes que o jornalismo pode ser: um tipo de negócio ou indústria, um conjunto de normas e de valores, uma série de rotinas e de rituais, uma linguagem e um discurso, um ideal elevado ou uma prática servil. Precisamos, então, destacar as diferenças e encontrar maneiras de não simplesmente explicá-las em termos de uma estrutura consistente – tal como já foi feito pelos estudos da ideologia ocupacional do jornalismo, de suas práticas de rotinização e de seleção de acontecimentos inesperados ou de seu funcionamento sob uma hierarquia de influências.

3. O devir(-se) jornalístico¹⁴

O jornalismo em todo o mundo tem se tornado um tipo diferente de profissão. A experiência vivida por jornalistas profissionais mostra-se precária, fragmentada, diversa e conectada. Como podemos contar histórias que nos permitam repensar as múltiplas realidades da profissão? Argumentamos que o primeiro passo para abordar esse campo a partir de um sentimento de encanto/admiração recai na tarefa de ir além de uma conceituação de jornalismo que o interpreta como uma organização distinta e com fronteiras sólidas, bem como ir adiante de seus limites tradicionais e de suas categorias clássicas. Sugerimos que adotar a “arte da investigação” requer o emprego de uma abordagem orientada ao processo que não apenas nos permita compreender o jornalismo em sua contínua constituição (o devir), mas também nos convida a um pertencimento ao nosso próprio objeto de estudo (o devir-se).

Vamos explorar cada uma dessas opções. Primeiro, para reconhecer que nosso objeto de estudo – o jornalismo – é dinâmico, exige-se que

¹⁴ Nota do tradutor: originalmente, os autores valem-se da expressão “becoming of/with journalism”, a qual apresenta uma multiplicidade de traduções. No contexto do trabalho, optou-se por ressaltar a ideia de um devir jornalístico.

adotemos uma ontologia do “devir” (*becoming*) ao invés do “ser” (*being*) (CHIA, 1995). Com Robert Chia (1995, p. 594), propomos uma perspectiva sobre o jornalismo que privilegia “a realidade como uma configuração processual, heterogênea e emergente das relações”¹⁵. O desafio dos estudos de jornalismo passa a ser o entendimento dessa ontologia do “devir” no contexto de uma ideologia do “ser”: compreender que o jornalismo não é simplesmente algo que “é”, mas, por outro lado, algo que “torna-se” através de uma diversificação contínua de práticas e de locais de atuação em conexão. Como tal, é importante que deixemos de lado o desejo de fazer reivindicações sobre “a” profissão, isto é, sobre o que é (ou sobre o que deveria ser) a atividade profissional e o que isso significa para um jornalista que, adiante, desenvolve em seu trabalho uma maior sensibilidade para mapear e articular práticas divergentes, definições e interpretações ideológicas que, por sua vez, produzem muitos “jornalisms” diferentes em um nível social sistêmico.

A maioria dos referenciais teóricos consolidados para a pesquisa em jornalismo tem dificuldade em capturar a profissão em termos de um “devir”. Temos sido excepcionalmente bons em criticar o jornalismo em termos de como ele deveria ser (e, portanto, o que ele não é no momento da verificação), mas falhamos miseravelmente quando se trata de apreciar o jornalismo no interior de um processo de transformação mais ou menos contínuo. Argumentamos, então, que a questão mais relevante nesse contexto não remete ao o que o jornalismo está se tornando, mas como o jornalismo tem se tornado o que é. Trata-se de compreender que as práticas jornalísticas – tal como outras “entidades”, sejam indivíduos, organizações ou sociedades – “são considerados epifenômenos de padrões primordiais de fluxos e de mudanças de relacionamentos e agrupamentos de eventos” (NAYAK, CHIA,

2011, p.283)¹⁶. Essa abordagem, por conseguinte, exige não um “benchmarking”¹⁷ espúrio da teoria para as práticas reais, mas um reconhecimento “da contingência, da emergência, da criatividade e da complexidade” (NAYAK, CHIA, 2011, p.283) no coração do jornalismo (e da vida). Significa que se tomarmos isso como ponto de partida, precisaremos também adotar uma abordagem que focalize nossa atenção nas “micro práticas do ‘enfrentamento prático cotidiano’ e na ‘produção contínua de sentidos’” (NAYAK, CHIA, 2011, p.283)¹⁸.

Adotar radicalmente uma compreensão processual da vida e, portanto, um entendimento do jornalismo ligado ao sentimento de encantamento com o que a vida é, remete a permanecermos abertos à realidade cotidiana de um mundo que tem emergido para “ser” tal como é:

Que ‘todas as coisas fluem’ é a primeira vaga generalização que... a intuição dos homens produziu. (...) Sem dúvida, se quisermos voltar para a experiência integral final, inalterada pela sofisticação da teoria... o fluxo de coisas é uma generalização final em torno da qual devemos tecer nosso sistema filosófico (WHITEHEAD apud NAYAK, CHIA, 2011, p.282)¹⁹.

Significa, outrossim, ousar abandonar nossas classificações teóricas através das quais categorizamos, catalogamos e mensuramos o jornalismo. Trata-se de avaliar (criativa e criticamente) suas práticas no sentido de atender ao chamado feito por James de abstrair “todas as interpretações conceituais e

¹⁵ No original, “reality as a processual, heterogeneous and emergent configuration of relations”.

¹⁶ No original, “are deemed to be epiphenomena of primarily fluxing and changing patterns of relationships and event clusterings”.

¹⁷ Nota do tradutor: no universo corporativo, trata-se do processo de avaliação de uma empresa em relação à concorrência de forma a incorporar melhorias em suas dinâmicas.

¹⁸ No original, “contingency, emergence, creativity and complexity”; “micro-practices of ‘everyday practical coping’ and ‘ongoing sensemaking’”.

¹⁹ No original, “That ‘all things flow’ is the first vague generalization which the ... intuition of men has produced. ... Without doubt, if we are to go back to that ultimate integral experience, unwarping by the sophistication of theory ... the flux of things is one ultimate generalization around which we must weave our philosophical system”.

retornar à sua vida imediata e sensível ... ele encontrará ... uma grande confusão florescente, como livre de contradições em sua ‘singularidade’, pois está viva e evidentemente ali” (apud NAYAK, CHIA, 2011, p.282)²⁰. Na próxima seção, discutiremos como a adoção de uma abordagem como tal nos permite ressaltar a “singularidade” (*much-at-onceness*) do campo jornalístico²¹.

Um ponto de partida, nesse sentido, deve necessariamente remeter ao fato de que o entendimento do jornalismo como “devir” (*becoming*) implica também em nossa compreensão do mesmo como “devir-se” (*becoming with*), isto é, o reconhecimento de nosso pertencimento intrínseco ao jornalismo na posição de pesquisadores. Isso vai além do posicionamento autoconsciente do pesquisador, comum em abordagens qualitativas e interpretativas. O desafio que enfrentamos aqui remete a explorar a “singularidade” (*much-at-onceness*) do jornalismo sem reduzi-la a categorizações puras, ou sugerir que há algo errado com a prática jornalística, pois ela não se encaixa em nossa estrutura teórica (e normativa). É neste ponto que sugerimos que o “devir-se” nos fornece uma resposta. Conforme ressalta Ingold (2018, p.217), já há dois séculos

Johann Wolfgang von Goethe propôs um método científico que exigia dos praticantes que passassem algum tempo com os objetos de sua atenção, observassem de perto e, com todos os seus sentidos, desenhassem o que observavam e se esforçassem para alcançar um nível de envolvimento ou pertencimento mútuo, na percepção e na

*ação, de modo que o observador e o observado se tornassem praticamente indistinguíveis. É a partir desse extrato de envolvimento mútuo, argumentou Goethe, que todo conhecimento cresce*²².

Mais recentemente, Donna Haraway (2016) indicou como precisamos “tornarmo-nos” (*becoming with*) – o “devir-se”. De forma muito parecida com a reflexão de Ingold (2018) segundo a qual não somos apenas observadores (mas precisamos tornar-nos atores responsáveis), Haraway (2016, p.71-72) fala de “mundos” onde “cientistas, artistas, membros de comunidades e seres não-humanos se envolvem nos projetos uns dos outros, na vida mútua, passam a precisar um do outro de maneiras diversas, apaixonadas, corporais e significativas”²³. De certa forma, recomenda a tornarmo-nos conscientemente cúmplices da realidade do jornalismo ao invés de “meramente” adotarmos a postura do observador externo que aspira “ao não-inocente, ao arriscado, ao comprometido envolvimento na vida um do outro” (HARAWAY, 2016, p.71).

Mostra-se importante observar a esse respeito a natureza do trabalho de classificação e de vanguarda em que nós, pesquisadores, estamos envolvidos (STAR, 2015). Se devemos nos abrir para as realidades do mundo, significa reconhecer que:

²⁰ No original, “from all conceptual interpretations and lapse back into his immediate sensible life ... he will find ... a big blooming buzzing confusion, as free from contradiction in its ‘much-at-onceness’ as it is alive and evidently there”.

²¹ Nota dos autores: Destacamos um mergulho no interior de recentes projetos comparativos internacionais com ênfase na diversidade e na hibridização do jornalismo. Ver, em particular, MELLADO, HELLMUELLER, DONSBACH, 2017; HANITZSCH, HANUSCH, RAMAPRASAD, DE BEER, 2019).

²² No original, “Johann Wolfgang von Goethe proposed a method of science which demanded of practitioners that they should spend time with the objects of their attention, observe closely and with all their senses, draw on what they observed, and endeavour to reach a level of mutual involvement or coupling, in perception and action, such that observer and observed become all but indistinguishable. It is from this crucible of mutual involvement, Goethe argued, that all knowledge grows”.

²³ No original, “scientists, artists, ordinary members of communities and nonhuman beings become enfolded in each other’s projects, in each other’s lives, they come to need each other in diverse, passionate, corporeal, meaningful ways”.

O que comumente consideramos ser entidades individuais não constituem objetos determinantemente separados em limites e propriedades, mas são (entrelaçados como ‘partes de’) fenômenos (interações material-discursivas) que se estendem através (o que geralmente consideramos lugares e momentos separados) do espaço e do tempo. (BARAD, 2011, p.125)²⁴.

Retornando a Ingold (2018, p.219), podemos aprender com os antropólogos que “vêem um mundo de relações intrincadamente enredadas ao invés de um mundo já dividido em entidades discretas e autônomas”. Para o autor, a antropologia

Não diz respeito a descrever o mundo ou rotulá-lo. Trata-se, em primeiro lugar, de assistir à presença, de perceber e de responder em tipologias. Significa reconhecer que pessoas e outras coisas estão lá, que elas têm seu próprio ser e sua própria vida para liderar, e que cabe a nós, para nosso próprio bem, prestar atenção à sua existência e ao que eles estão nos dizendo. Só então podemos aprender. (INGOLD, 2018, p.219)²⁵.

Entretanto, não estamos aqui simplesmente defendendo uma adoção acrítica das técnicas e das estruturas da antropologia (e da mídia). Nossa preocupação vai além e inclui o que Görke e Scholl (2006, p.645) chamam

de “construtivismo epistemologicamente radical”, alinhado ao argumento de Niklas Luhmann (1995, apud Görke e Scholl, 2006, p.645) de que as ações, atitudes e comportamentos que documentamos e observamos como pesquisadores são inevitavelmente “artefatos de processos de atribuição, os resultados da observação de observadores... que surgem quando um sistema opera recursivamente em um nível de observação de segunda ordem”²⁶. Como Maturana e Varela (1980, p.8) argumentaram de forma notável: “tudo o que é dito é dito por um observador”. Tal consciência autorreferencial em nossos estudos é um primeiro passo crítico, bem como uma perspectiva adicional de *devir-se* (*becoming with*) que abre nosso objeto de estudo para a possibilidade de compartilhar narrativas e mundos ao invés de, como pesquisadores, inventarmos uma realidade própria por meio da observação e da descrição (uma realidade, todavia, que seria muito mais fundamentada em teoria e método).

Perguntamos: o que podemos aprender sobre jornalismo a partir de um “devir-se”, quando o “tornamos-nos” (*becoming with*), quando correspondemos aos seus sonhos e esperanças ao invés de encarmos suas ações como entidades concretas que nada têm a ver conosco, que simplesmente observamos de longe? Argumentamos que esta postura aberta nos permite corresponder a preocupações cruciais que estão presentes no campo, a exemplo da forma como práticas diversas, criativas e inovadoras surgem, sob quais condições a autonomia e a criatividade elas prosperam e proliferam, bem como do modo como os profissionais a fazem funcionar de maneiras que seguem adiante de salários e de planos de pensão. Em outras palavras: quais são os sonhos, os desejos, as esperanças dos jornalistas e, essencialmente, o que os faz felizes e a prosperar? Isso não é trivial. De fato,

²⁴ No original, “what we commonly take to be individual entities are not separate determinately bounded and propertied objects, but rather are (entangled ‘parts of’) phenomena (material-discursive intra-actions) that extend across (what we commonly take to be separate places and moments in) space and time”.

²⁵ No original, “not about describing the world, or wrapping it up. It is, in the first place, about attending to presence, about noticing, and responding in kind. It means acknowledging that persons and other things are there, that they have their own being and their own lives to lead, and that it behoves us, for our own good, to pay attention to their existence and to what they are telling us. Only then can we learn”.

²⁶ No original, “artifacts of processes of attribution, the results of observing observers... which emerge when a system operates recursively on the level of second-order observation”

pode ser a pergunta mais importante que a profissão e seus observadores enfrentam atualmente.

4. O que o encanto revela: a singularidade do jornalismo²⁷

Na introdução deste artigo, aludimos aos resultados nos quais a adoção do encantamento – neste caso, por meio de métodos criativos (WITSCHGE, DEUZE, WILLEMSSEN, 2019) – pode resultar. Para destacar ainda mais o que pode acontecer quando estamos abertos ao nosso objeto de pesquisa, apresentamos aqui os dados que reunimos em nosso projeto “*Beyond Journalism*”. Para este projeto, em conjunto com estudantes de pós-graduação, pesquisamos 22 startups ou coletivos de jornalismo em 11 países entre 2014 e 2019²⁸. No total, mais de 125 pessoas foram entrevistadas por uma equipe de pesquisa composta por nós e por 24 estudantes de pós-graduação²⁹.

Concentramo-nos em jornalistas iniciantes, que por sua própria natureza são aptos a operar fora das – e em desafio deliberado às – estruturas e contextos tradicionais do jornalismo. Os jornalistas envolvidos na criação de pequenas empresas de notícias ou de coletivos editoriais às margens da mídia tradicional podem ser vistos como pioneiros no campo. Comunidades pioneiras são, nos termos de Andreas Hepp (2016, p.920), “agrupamentos experimentais relacionados a novas formas de mudança vinculadas à tecnologia de mídia e à formação de coletividades”³⁰. Essas comunidades têm “um senso de missão” e “a sensação de que estão na ‘vanguarda’ de uma transformação da sociedade relacionada à mídia como um todo” (HEPP,

²⁷ Nota do tradutor: originalmente, os autores valem-se da expressão “much-at-onceness”, a qual apresenta uma multiplicidade de traduções. No contexto do trabalho, optou-se por ressaltar a ideia de uma singularidade do jornalismo.

²⁸ Nota dos autores: o projeto foi parcialmente financiado por meio de uma bolsa de estudos do Donald W. Reynolds Journalism Institute, da Escola de Jornalismo da Universidade do Missouri, nos Estados Unidos.

²⁹ Nota dos autores: Para obter mais informações sobre o projeto, consulte DEUZE, WITSCHGE, 2020; o livro documenta a primeira fase do projeto ao passo em que a pesquisa tem continuidade.

2016, p.924–925). Elas estão envolvidas, nesse sentido, na definição do que é o próprio jornalismo: “engajadas em um processo contínuo de interpretação de si mesmas” (HEPP, 2016, p.927)³¹. Esses profissionais podem ser vistos a partir do cumprimento de um papel que Oscar Westlund e Seth Lewis (2014) descrevem como “agentes da inovação na mídia”³².

O que podemos aprender pesquisando esses atores quando partimos de um sentimento de encanto/admiração? Mostramos, aqui, que tal opção nos permite finalmente apreciar os paradoxos envolvidos em ser jornalista e em fazer jornalismo atualmente (sem precisar ou querer corrigir estritamente essas contradições) – circunstância que, por sua vez, leva-nos confrontar nossos próprios preconceitos e expectativas conflitantes sobre as atuais formas de fazer jornalismo. Em outras palavras, mostra-nos como há muita coisa acontecendo ao mesmo tempo nos campos profissional e acadêmico. Vemos, entre os jornalistas que pesquisamos, uma profunda apreciação sobre a natureza paradoxal de uma identidade profissional no jornalismo. Procuraremos, à frente, resumir este insight e destacar quatro principais contradições que encontramos em nossas explorações – questões que nos forçaram a olhar diferentemente para o trabalho desses profissionais, para o nosso próprio trabalho e (portanto!) para o jornalismo como um todo.

Primeiramente, vemos que para muitos, senão para a maioria dos jornalistas, o jornalismo é um projeto passiona, que traz consigo uma relação muito específica com a autonomia. Um senso normativo de autonomia é fundamental para a identidade profissional, ao passo em que, de toda forma, a autonomia factual (ou percebida como tal) do repórter atualmente é

³⁰ No original, “experimental groupings related to new forms of media-technology-related change and collectivity formation.

³¹ No original, “have a sense of mission”; “a sense that they are at the ‘forefront’ of a media-related transformation of society as a whole”; “engaged in a continual process of interpretation of themselves”.

³² No original, “agents of media innovation”.

reduzida devido à necessidade de se auto-mercantilizar, de subsidiar-se, de promover-se e de publicar-se, baseando-se apenas na produção de notícias e de informações. Além disso, a autonomia é um assunto contestado, dada a natureza dupla de isolamento social dos redatores independentes, freelancers ou – de alguma outra forma – “atipicamente” empregados, e sua realidade social mais frequente de trabalhar em grupos (temporariamente montados), equipes ou coletivos de algum tipo. Nos dois casos, a “autonomia” é um conceito relativo, altamente dependente do contexto (por mais que seja uma realidade vivida de forma ambivalente).

Segundo, encontramos uma relação altamente complexa entre jornalistas e outras pessoas do campo. Pesquisamos aqueles que deliberadamente estão neste estatuto por conta própria, porém a ideia de fazer parte de uma comunidade de colegas e possuir um senso de pertencimento constitui um elemento impressionante na capacidade de sobreviver nesse cenário. Repetidas vezes, nossos participantes demonstraram relacionamentos com uma coletividade profissional e o apoio social obtido por meio do trabalho em um ambiente de startup como sua principal motivação para optar por essa existência precária (às vezes, escolhendo isso após uma carreira já estabelecida em uma redação). Ao mesmo tempo, a sociabilidade no trabalho pode ser uma luta significativa para muitos jornalistas, pois o ambiente laboral tende a ser, pelo menos em parte, baseado em rivalidade, em conflito (criativo) e na intensa competição. Este espírito competitivo é ao mesmo tempo desejado – tal como a pressa para obter-se uma linha na primeira página de um jornal, para ganhar o noticiário da noite ou para acionar um alerta de breaking news em um veículo na internet – e lamentado, pois amplifica a ideia de um jornalismo “não exatamente equivocado”, com pressa de ser o primeiro (ter o furo) e de acompanhar as pressões de publicar constantemente algo “novo” para satisfazer as demandas da distribuição digital (que privilegia um fluxo constante de atualizações). Descobrimos que muitas das startups que visitamos deliberadamente se afastaram do breaking news como crítica à rotina diária do jornalismo. A competição para eles é apresentada como uma disputa por pontos de venda

tradicionalmente estabelecidos, competindo com outros empreendimentos pela chance de adquirir subsídios, apoio financeiro ou patrocínios, até rivalizando em nível interpessoal, pois seu desejo de fazer jornalismo precisa ser negociado próximo à necessidade de se ganhar uma vida decente.

Terceiro, nos deparamos – ao contrário do que as lacunas de atenção na prática profissional e nas pesquisas poderia sugerir (DEUZE, 2019) – com a importância da criatividade por parte de quem pratica o jornalismo. Nossos dados sugerem que o prazer do jornalismo como ofício e o exercício da criatividade pelos agentes do campo constituem elementos provavelmente subestimados, mas importantes na definição daquilo que significa ser um jornalista profissional – mesmo que geralmente isso mostre-se ausente no discurso comum entre os próprios jornalistas ou mal gerido no nível das organizações noticiosas. Lynch e Swink (1967, p.372) escreveram nos anos 1960 sobre o quão vantajosa seria uma “aptidão criativa” para os jornalistas, observando, no entanto, que as condições das redações geralmente não eram particularmente propícias às práticas criativas na construção de narrativas; ao invés disso, baseava-se em “estruturas definidas, frases padronizadas e clichês”. Hoje, a criatividade é vista como uma importante vantagem competitiva e, particularmente nos círculos de gestão, é apontada como o fator crítico que diferencia as empresas de mídia em geral das organizações de notícias em particular, além de muitas outras indústrias (MALMELIN, VIRTÁ, 2016). Mas o que impressionou em nossos dados e experiências de pesquisa foi a necessidade apontada por muitos dos entrevistados: trata-se do que eles amam em seu trabalho (fora da mídia noticiosa tradicional).

Um quarto e último paradoxo que encontramos diz respeito a como os jornalistas dão sentido ao que fazem – ou seja, qual é a “grande narrativa” da profissão. Repórteres e editores tendem a idealizar sua profissão, pois esse enobrecimento é uma característica fundamental de sua identidade – mesmo quando a experiência de trabalhar com jornalismo pode ser tudo, menos prazerosa. Isso nos pareceu particularmente significativo, pois também relacionou-se à nossa própria experiência de ultrapassar as expectativas

normativas que a academia tem do jornalismo (como “quarto poder”, “vigia da sociedade”, “pedra angular da democracia”, etc.) com as de nossa perspectiva teórica de encantamento/admiração, auto-referência crítica e “devir-se” (*becoming with*). Talvez esperássemos uma articulação completamente nova e esplêndida do jornalismo; ao invés disso, deparamo-nos com esses pioneiros trilhando um terreno tradicional na maneira como falam sobre a profissão e sobre seu papel na sociedade.

Frequentemente, nossos participantes poderiam discutir suas experiências de trabalho em organizações jornalísticas “tradicionais” como desumanizantes, sofrendo com reuniões e sendo julgados pela produtividade (ao invés da qualidade), não se sentindo como se estivessem contribuindo para algo significativo. Além disso, eles costumavam experimentar um ambiente de trabalho inseguro, com rodadas regulares de demissões, projetos de reestruturação e revisões gerenciais. Ainda assim e apesar de tudo isso, eles tendem a ver a profissão como algo especial e maravilhoso – o que em parte lhes permite justificar o risco e a incerteza de “atacar por conta própria”. O que eles têm tentado nos dizer repetidamente é: o setor está quebrado, mas a profissão é perfeita. Tivemos que reconhecer que a profissão para muitos é um empreendimento nobre – especialmente se a pessoa faz por conta própria, em circunstâncias precárias. Isso não significa que o jornalismo se torne uma profissão completamente diferente – ele é rearticulado em diferentes contextos, características e sentimentos.

A partir de uma leitura calcada na suspeita, talvez tentássemos explicar com muita facilidade esses paradoxos e colocar em primeiro plano uma perspectiva que sugere que os jornalistas não podem ter uma visão mais crítica e reflexiva da profissão, pois estão envolvidos demais. Sugerimos aqui que todas essas coisas estão lá ao mesmo tempo. Muitas narrativas diferentes e que fazem sentido coexistem: as histórias que expressam paixão e um zelo quase romântico pela profissão coexistem com um reconhecimento realista e às vezes sombrio da profunda precariedade como uma característica estrutural do trabalho e da carreira. Tais narrativas não se excluem ou se contradizem; na

verdade, descobrimos que às vezes elas se reforçam. A narrativa emocional fornece combustível para os jornalistas se convencerem de que podem fazê-la funcionar, especialmente quando confrontados com circunstâncias terríveis (BECKETT, DEUZE, 2016). Ao mesmo passo, quando as coisas ficam difíceis, quando os clientes e os contratos diminuem e o trabalho restante é constantemente mal pago, os jornalistas costumam se culpar, mobilizando uma paixão cada vez menor. A reflexão crítica e o envolvimento apaixonado por vezes se chocam, mas em outras vezes coexistem de forma independente, assumindo posições diferentes na hierarquia de táticas e de estratégias dos profissionais de mídia. Como tal, é importante contar e considerar essas histórias separadamente, fornecendo informações sobre os discursos predominantes extraídos das conversas com os jornalistas, tomando cuidado para não juntar (ou explicar!) um discurso ao outro.

Um comentário final pode ser traçado sobre o tipo de jornalismo que os participantes de nosso projeto têm construído – tanto em termos de profissão quanto em relação ao tipo de histórias e de reportagens que tais startups e coletivos têm produzido. Embora não tenhamos realizado uma análise comparativa de conteúdo, nossos participantes indicaram motivações e intenções semelhantes com o fazer jornalístico em comparação com aqueles profissionais que trabalham em redações tradicionais (conforme extensivamente documentado na literatura acadêmica). No mapeamento de produtos e de serviços que as empresas e coletivos de nossa amostra fornecem, encontramos uma grande variedade de atividades, produtos e serviços que servem para aprimorar, estender, complementar ou tornar acessível as “marcas” das startups em questão. Exemplos incluem a Zetland (Dinamarca), que tem transformado seu trabalho em um show de teatro; a Inkabinka (EUA), que tem utilizado as notícias para desenvolver softwares; vários meios de comunicação que têm oferecido aos seus usuários a chance de publicar suas próprias reportagens ou solicitado contribuições com base em seus conhecimentos (a exemplo da Mediapart, na França, da Follow The Money, na Holanda, e da Correspondent, também originalmente na Holanda e agora internacional); a Code4SA (África do Sul), que tem desenvolvido programas

de treinamento com dados para que cidadãos possam realizar suas próprias investigações; ou outras startups que simplesmente têm utilizado seu status de genuinamente independentes de qualquer tipo de influência comercial ou política para reivindicar legitimidade em seus países (como a La Silla Vacía, na Colômbia, ou a IRPI, na Itália). Tudo isso tem ocorrido próximo às modalidades “tradicionais” de notícias e às reportagens investigativas. Desse modo, concluímos tal como em nosso livro: “de qualquer forma, o impacto do jornalismo de startup reside na abertura que ele faz do jornalismo para múltiplas imaginações, tanto em termos do que ele faz quanto em termos do que ele promove a si mesmo” (DEUZE, WITSCHGE, 2020, p.128)³³.

Conclusão

Atualmente, identifica-se uma maior consciência da necessidade de inclusão no campo da comunicação e do jornalismo (ver, por exemplo, RAO, 2019). Sugerimos que, com encanto/admiração ao invés da suspeita, podemos ter mais acesso à rica diversidade de experiências e práticas já presentes no campo. Como Joep Cornelissen (2017, p.369) nos lembra, é importante que “perguntas diferentes sejam feitas e diferentes modos de conhecimento se agreguem de maneira complementar”³⁴. As ferramentas dominantes de pesquisa e de construção de narrativas nos estudos de jornalismo têm se mostrado muito restritas para fazer justiça à diversidade de vozes presentes no campo — uma vez que organizações locais, comunitárias, alternativas, populares, ligadas a grupos minoritários e independentes tendem a ser ignoradas com muita frequência nos estudos e na docência em jornalismo. Assim, questionamos: como garantir que “maneiras particulares de conhecer” (CORNELISSEN, 2017, p.370) não sejam suprimidas e que possamos aprimorar “a variedade, a novidade e a inovação na pesquisa” (CORBETT et al., 2014, p.4)?

³³ No original, “if anything, the impact of startup journalism is that it opens journalism up to multiple imaginings, both in terms of what it does, and how it makes sense of itself”.

Nosso objetivo com o projeto “Beyond Journalism” é contar novas histórias e expandir as possibilidades de formas de construção narrativa (sobre quais históricas escolhemos contar e sobre como estamos contando), bem como mostrar o que entendemos pelo próprio jornalismo. Com isso, não queremos fornecer um modelo “de melhor forma” de jornalismo (GARTNER, 1993, p.236), mas estamos interessados em todas as especificidades e não propriamente em algumas generalidades do campo. Tal foco é inspirado por uma preferência teórica e metodológica — conforme descrito neste artigo —, mas também por uma apreciação das circunstâncias muito reais que os jornalistas têm enfrentado na profissão atualmente. Por isso, destacamos uma abordagem orientada a um processo que deliberadamente considera o pertencimento (*becoming*) do jornalismo: compreendendo o jornalismo (e a vida) sempre em formação, precisamos nos abrir para tudo o que tem acontecido simultaneamente. Para deixar de lado nossos sistemas de classificação excessivamente restritos e excludentes, sugerimos ainda o conceito de “devir-se” (*becoming with*) para considerar que não é apenas o jornalismo que está em transformação, mas todos nós que estamos envolvidos com ele e com sua contínua construção, compartilhando (em partes) responsabilidade no processo.

Referências

- BARAD, K. Nature's queer performativity. *Qui Parle*, 19(2), 121–158, 2011.
- BECKER, H. Telling about society. The University Press of Chicago: Chicago, 2007.

³⁴ No original, “different questions get asked and different modes of knowing sit alongside each other in a complementary fashion”.

BECKETT, C.; DEUZE, M. On the role of emotion in the future of journalism. *Social Media + Society* 2(3), 2016.

CAPOBIANCO, R. *Engaging Heidegger*. Toronto: University of Toronto Press, 2010.

CHIA, R. From modern to postmodern organizational analysis. *Organization Studies* 16(4), p.579-604, 1995.

CORBETT, A.; CORNELISSEN, J.; DELIOS, A.; HARLEY, B. Variety, novelty, and perceptions of scholarship in research on management and organizations: an appeal for ambidextrous scholarship. *Journal of Management Studies*. 51(1), p.3-18, 2014.

CORNELISSEN, J. Preserving theoretical divergence in management research: Why the explanatory potential of qualitative research should be harnessed rather than suppressed. *Journal of Management Studies*. 54(3), p.368-383, 2017.

COSTERA MEIJER, I. The public quality of popular journalism: developing a normative framework. *Journalism Studies*. 2(2), 189-205, 2001.

DEUZE, M. On creativity. *Journalism*. 20(1), 130-134, 2019.

DEUZE, M.; WITSCHGE, T. *Beyond journalism*. Cambridge: Polity, 2020.

DURHAM PETERS, J. *The marvellous clouds*. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

FELSKI, R. *The limits of critique*. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.

GARTNER, W. B. Words lead to deeds: Towards emergency vocabulary. *Journal of Business Venturing*, 8(3), p.231-239, 1993.

GÖRKE, A.; SCHOLL, A. Niklas Luhmann's theory of social systems and journalism research. *Journalism Studies*. 7(4), p.644-655, 2006.

GUNARATNE, S. De-westernizing communication/social science research: opportunities and limitations. *Media, Culture & Society*. 32(3), p.473-500, 2010.

HALLIN, D. C. The passing of the "high modernism" of American journalism. *Journal of Communication*, 42(3), p.14-25, 1992.

HANITZSCH, T.; HANUSCH, F.; RAMAPRASAD, J.; DE BEER, A. S. (Eds.) *Worlds of Journalism: Journalistic Cultures around the Globe*. New York: Columbia University Press, 2019.

- HARAWAY, D. J. *Staying with the trouble: Making kin in the chthulucene*. London: Duke University Press, 2016.
- HEPP, A. Pioneer communities: Collective actors in deep mediatisation. *Media, Culture and Society*, 38(6), p.918–933, 2016.
- HEPP, A.; LOOSEN, W. ‘Makers’ of a future journalism? The role of ‘pioneer journalists’ and ‘pioneer communities’ in transforming journalism. *Communicative Figurations Working Paper 19*, 2018. Disponível em: <http://www.zemki.uni-bremen.de/fileadmin/redak_zemki/dateien/Kofi-Arbeitspapiere/CoFi_EWP_No-19_Hepp-Loosen.pdf>.
- INGOLD, T. From science to art and back again: the pendulum of an anthropologist. *Interdisciplinary Science Reviews*, 43(3-4), p. 213-227, 2018.
- JOSEPHI, B. De-coupling journalism and democracy: Or how much democracy does journalism need? *Journalism* 14(4), pp.441–445, 2013.
- LYNCH, M.; SWINK, E. Some effects of priming, incubation and creative aptitude on journalism performance. *Journal of Communication*. 17(4), 372-382, 1967.
- MALMELIN, N.; VIRTÁ, S. Managing creativity in change. *Journalism Practice*. 10(8), p. 1041-1054, 2016.
- MARKHAM, T. The politics of journalistic creativity. *Journalism Practice*. 6(2), p. 187-200, 2012.
- MATURANA, H.; VARELA, F. *Autopoiesis and cognition*. Dordrecht: Reidel, 1980.
- MAYER, V. ‘Studying up and f**cking up: Ethnographic interviewing in production studies’, *Cinema Journal*, 47(2), p. 141-148, 2008.
- MCQUAIL, D. *Journalism and society*. London: Sage, 2013.
- MELLADO, C.; HELLMUELLER, L.; DONSBACH, W. (Eds). *Journalistic Role Performance: Concepts, Contexts, and Methods*. New York: Routledge, 2017.
- PETERS, C.; BROERSMA, M. (Eds). *Rethinking journalism again*. London: Routledge, 2017.
- PRINZ, J. How wonder works. Aeon, 21 de junho de 2013. Disponível em: <<https://aeon.co/essays/why-wonder-is-the-most-human-of-all-emotions>>.

NAYAK, A.; CHIA, R. Thinking becoming and emergence: process philosophy and organization studies. In: TSOUKAS, H.; CHIA, R. (Eds.). *Philosophy and organization theory: Research in the sociology of organizations*, Vol. 32, 2011.

NIELSEN, R. K. The one thing journalism just might do for democracy. *Journalism Studies*, 18:10, p.1251-1262, 2017.

RAO, S. Commentary: Inclusion and a discipline. *Digital Journalism*, 7:5, p. 698-703, 2019.

SCANNELL, P. *Television and the meaning of 'live'*. Cambridge: Polity, 2014.

STEENSEN, S.; AHVA, L. Theories of journalism in a digital age. *Journalism Practice*. 9(1): p.1-18, 2015.

STAR, S. L. Revisiting ecologies of knowledge: Work and politics in science and technology. In: BOWKER, G. C.; TIMMERMANS, S.; CLARKE, A. E. (Eds.). *Boundary Objects and beyond*. Cambridge, MA: The MIT Press, p. 13-46, 2015.

ŠTĚPÁNKOVÁ, R. The experience with a person with autism. *Phenomenological study of the experience with contact and contact*

reflections. *Person-Centered and Experiential Psychotherapies*. 14(4), p.310-327, 2015.

WAISBORD, S.; MELLADO, C. De-westernizing communication studies: a reassessment. *Communication Theory*. 24, p.361-372, 2014.

WITSCHGE, T.; DEUZE, M.; WILLEMSSEN, S. Creativity in (digital) journalism studies: Broadening our perspective on journalism practice. *Digital Journalism*, 7(7), p. 972-979, 2019.

ZELIZER, B. On the shelf life of democracy in journalism scholarship. *Journalism*, 14(4), p.459-473, 2013.